



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

JASON AND THE ARGONAUTS / 1963

OS ARGONAUTAS

um filme de DON CHAFFEY

Realização: Don Chaffey *Argumento:* Jan Read, Beverley Cross *Fotografia* (Eastmancolor): Wilkie Cooper *Montagem:* Maurice Rootes *Som:* Cyrill Collick, Alfred Cox, Red Law *Direcção Artística:* Jack Maxted, Antonio Sarzi-Braga, Herbert Smith *Guarda-roupa:* *Música original:* Bernard Herrmann *Assistente de realização:* Dennis Bertera *Efeitos Especiais:* Ray Harryhausen, Arthur Hayward *Interpretação:* Todd Armstrong (Jason), Nancy Kovack (Medea), Gary Raymond (Acastus), Laurence Naismith (Argos), Niall MacGinnis (Zues), Michael Gwynn (Hermes), Douglas Wilmer (Pelias), Jack Gwillim (Rei Aetes), Honor Blackman (Hera), Patrick Troughton (Phineas), Andrew Faulds (Phalerus), Nigel Green (Hercules).

Produção: Columbia Pictures, Morningside Productions, Morningside Worldwide S.A. (Reino Unido, Estados Unidos, 1963)
Produtor: Charles H. Schneer *Produtor Associado:* Ray Harryhausen *Cópia:* digital, cor, 104 minutos, legendada eletronicamente em português *Estreia Mundial:* 19 de Junho de 1963, nos Estados Unidos *Estreia em Portugal:* 19 de Março de 1964, no cinema Politeama.



De Jasão e dos argonautas reza a mitologia: herói grego da Tessália, filho de Esão, Jasão foi criado pelo centauro Quíron depois de despojado do trono paterno por Pélias, seu tio, sobre quem então recaiu a profecia de que seria morto pelo sobrinho. Temendo-a, como condição para lhe restituir o trono que, aos 20 anos, ele vem reclamar a Iolco, o Rei Pélias envia Jasão numa missão impossível: trazer o Velo de ouro (também chamado velino ou Tosão de ouro) da Cólquida (actual Geórgia). Jasão aceita a missão e, em Argos, constrói a nau Argo, reunindo uma tripulação de heróis, os argonautas. A viagem dos argonautas é aventureira, mas a arriscada primeira passagem pelas Simplégadas (o Bósforo) é conseguida e o destino da Cólquida atingido. Para chegar ao Velo de ouro, por exigência de Eetes da Cólquida, Jasão é submetido a fabulosas provas que incluem a luta contra um exército de esqueletos que brota de dentes de dragão semeados na terra, e um combate com a hidra e as suas cabeças de serpente que guarda o Velo. Na posse deste último – a lã de ouro do carneiro alado Crisómalo – e pendurado num carvalho sagrado na Cólquida, Jasão foge com Medeia, filha de Eetes, e volta a casa, onde, cumprindo a profecia, esta conspira a morte de Pélias.

OS ARGONAUTAS, o filme, segue basicamente esta história até à sua penúltima frase, centrando-se na viagem de Jasão à Cólquida em busca do Velo de ouro. E assim, com as cores fortes e contrastadas dos filmes de piratas, o fôlego de um *peplum* e os delirantes efeitos especiais de uma fantasia, o filme de Don Chaffey é uma revisitação popular do mito de Jasão e dos argonautas. Nos anos 60 do século XX, na esteira da tradição de

clássicos de aventuras como *THE THIEF OF BAGDAD* (Michael Powell, 1940), *JASON AND THE ARGONAUTS* (segundo a mitologia, 50, fazendo lembrar os 40 ladrões de Ali Babá) cruza pois a mitologia grega e o género da aventura, exponenciando a sua dimensão fantástica pelo aturado trabalho de efeitos especiais que fez dele um título de culto. A grande estrela do filme – ponto que não parece permitir grandes discussões – é assim a panóplia dos seus efeitos especiais.

Ray Harryhausen, o homem a cujos créditos eles se devem, é um nome incontornável da história dos efeitos especiais no cinema. Nos anos 1930/40 encontramos-lo como assistente de Willis O'Brien, que assinou os de *KING KONG* (1933, de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack), *ONE MILLION B.C.* (1940, de Hal Roach e Hal Roach Jr.) ou *MIGHTY JOE YOUNG* (1949, de Ernest B. Schoedsack) e foi pioneiro da utilização da animação fotográfica *stop motion* trabalhando com pequenos modelos mecanicamente amovíveis filmados como gigantescas criaturas monstruosas. É um dos trunfos a que Harryhausen aqui volta, combinando-o com técnicas de *split-screen* e cenas de acção em que personagens reais e modelos não só convivem como interagem no mesmo plano, obrigando, na rodagem, os actores a contracenarem com co-protagonistas invisíveis fotograficamente justapostos na imagem em posterior momento (as fabulosas cenas de combate entre o exército de esqueletos e os argonautas falam por si). O processo de animação dinâmica Harryhausen envolvia esculturas de borracha articuladas por armaduras metálicas, e a aturada justaposição de perspectivas e imagens de vários tamanhos e proporções. Tal como os vemos em *JASON AND THE ARGONAUTS*, tais ensinamentos têm por herdeiro contemporâneo Tim Burton que, na era digital, em boa hora voltou aos velhos processos da fotografia *stop motion* nos seus filmes de animação em dupla com Henry Selick (*TIM BURTON'S THE NIGHTMARE BEFORE CHRISTMAS*) e Mike Johnson (*TIM BURTON'S CORPSE BRIDE*).

Ainda quanto a Harryhausen, a solo, a sua carreira remonta à década de 1940 e especializou-se em filmes de aventura e fantasia, pela animação e a criação de efeitos a três dimensões, à época absolutamente revolucionários. Por exemplo, *THE BEAST FROM 20,000 FATHOMS* (Eugène Lourié, 1953), *IT CAME FROM BENEATH THE SEA* (Robert Gordon, 1955), *EARTH VS. THE FLYING SAUCERS* (Fred F. Sears, 1956), *THE 7TH VOYAGE OF SINBAD* (Nathan Juran, 1958), *THE 3 WORLDS OF GULLIVER* (Jack Sher, 1960). Depois de *JASON AND THE ARGONAUTS*, houve vários outros "Harryhausen" e no princípio da década de 1970, houve mesmo uma fanzine chamada *Special Effects Created by Ray Harryhausen*, inteiramente dedicada ao culto das suas sequências de efeitos especiais! Mas é este o filme considerado como o seu melhor título, o título dos seus melhores feitos. E foi este o filme que o próprio Harryhausen elegeu como o favorito entre os seus trabalhos. Percebe-se porquê. Face a um filme em que os Deuses e os homens mantêm as devidas distâncias, os primeiros no Olimpo, os segundos no terreno lugar que lhes pertence, todo ele dirigido para a efabulação visual, os holofotes podem dirigir-se – e dirigem – para a criação visual. E ela brilha, brilha tão fantásticamente que escamoteia deslizos narrativos ou a pouco desenvolvida personagem de Medeia que surge tarde no filme (além da Deusa protectora de Jasão – Honor Blackman dificilmente reconhecível como Pussy Galore de James Bond? –, é a única mulher entre os argonautas num papel que fica aquém da importância mitológica da sua figura).

A popularidade de *JASON AND THE ARGONAUTS* deve-se por inteiro aos movimentos das estranhas criaturas que pululam dos céus, das harpias e esqueletos, e ao gigantesco Aquiles como estátua de bronze andante de calcanhar em alçapão sanguinolento (premonição do *morphing*, como já alguém notou?). E à sequência do desmoronamento dos rochedos quando o não menos gigantesco Tritão emerge do fundo oceânico para deter as montanhas e permitir a passagem aos argonautas. E ao climático combate entre argonautas e esqueletos. Não há volta a dar, o apelo do filme é, mais do que o apelo dos Deuses, o seu apelo visual, saudavelmente colorido e *kitsch*. Querendo captar todas as nuances do filme, o espectador terá de recorrer à sua memória sobre os deuses gregos, já que só ela lhe pode permitir desfrutar plenamente desta epopeia de Jasão guiada, do Olimpo, por Zeus, que pelo caminho lhe vai opondo os obstáculos, e por Hera, a sua lânguida protectora. É do lado deles que estamos, espectadores, observando as movimentações dos heróis a partir do Olimpo. O "nosso" filme corresponde ao filme "deles", Zeus e Hera, observado como reflexo da superfície aquática que olham de cima e que é uma óbvia associação ao ecrã em frente ao espectador na sala de cinema.